

ção (muitas ainda no século passado), temos, por outro lado, um número surpreendente de 76 Rigolettos, 71 Aidas e 68 Toscas... Autores existem, como Weber, que não conheceram nunca as honras duma representação em São Paulo... Deve-se notar, ainda, que as próprias óperas alemãs, como as de Wagner ou a *Marta*, ou as russas (*Boris*) e mesmo muitas francesas (*Faust*, *Manon*, *Carmen*) foram quase sempre cantadas na versão italiana. Abrem-se apenas algumas exceções, quando em 1922 o grande Weingartner trouxe o primeiro elenco alemão, ou quando em 1929 visitou São Paulo, pela primeira vez, uma companhia russa.

O livro do Dr. Cerquera tem, assim, um duplo interesse: o de livro-fonte para aqueles que quiserem conhecer a vida artística de São Paulo nesse setor do teatro lírico e o de livro de reminiscências para os apreciadores e freqüentadores de óperas que, por certo, se agradarão em recordar as temporadas do passado ou contemplar, nas caracterizações com que se exibiram nos palcos paulistanos, as grandes figuras de sua predileção na cena lírica. Como livro-fonte prestará sem dúvida um auxílio inestimável aos estudiosos da história de nossa quadricentenária capital. À sua margem poderá ser escrito um novo livro, de interpretação e de crítica à ópera como um "fato social" na vida de São Paulo. Para isto, estamos certos, ninguém mais autorizado e credenciado do que o próprio dr. Paulo Cerquera, cuja vida tem sido uma atividade constante em prol da cultura musical de nosso povo, através do rádio, da imprensa e agora do livro.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS.

*

AULICH (Werner). — *O Paraná e os Alemães — Ensaio histórico e caracterológico*. Edição da Comissão de Festas do Grupo Étnico Germânico do Paraná; Curitiba, 1953. 216 págs.

O ensaio *O Paraná e os Alemães* é uma contribuição do Grupo Étnico Germânico do Paraná aos festejos do Primeiro Centenário da Emancipação Política daquele Estado. O Autor procura estudar imparcialmente sob os pontos de vista histórico, sociológico e geográfico a atuação do elemento germânico no Paraná, dando uma visão de conjunto dos 130 anos da colonização alemã em terras paranaenses.

No primeiro capítulo o Autor estuda os "migrantes" germânicos. Focaliza os pontos que mais importância têm na colonização e aculturação. Em primeiro lugar chama a atenção sobre o conceito de elemento germânico. O conceito de elemento germânico deve ser entendido sob o ponto de vista da história cultural, "incluindo até mesmo aqueles que já não se dão conta das conjeturas e dos entrelaçamentos histórico-culturais em torno de sua origem". No caso da imigração no Paraná, como também em todo Sul do Brasil, nunca a amplidão desse conceito deve ser esquecido. Assim sendo, há naturalmente necessidade de um classificação do elemento germânico quanto à origem. O Autor distingue uma corrente européia, uma sul-americana, uma brasileira e finalmente correntes provenientes de outras áreas. O Autor mostra que essas últimas também merecem

atenção, pois as experiências colhidas em outras partes do mundo provaram-se muito úteis na tarefa colonizadora.

Nos problemas de imigração e de colonização não se deve estudar unicamente o imigrante, mas também o ambiente que êle vai encontrar, ambiente êsse, no qual entra como constante o modo de encarar o problema pelos que estão radicados há muito. O Autor não se esqueceu disso, mas infelizmente seu segundo capítulo "Homens que fizeram a História" não satisfaz inteiramente. Não é só a opinião dos grandes fazendeiros, de políticos ou de administradores que interessa. A opinião do povo em geral também devia ser encarada.

O terceiro capítulo, "Quadros do Interior", é, sem dúvida, o mais importante do livro. Depois de ter mostrado em traços gerais o quadro geográfico do Paraná, e de ter feito, baseando-se em estudos de Leo Waibel, a distinção entre colono (o que pratica a rotação da terra) e lavrador (o que pratica a rotação da cultura), passa a estudar o desenvolvimento, os sucessos e fracassos das diversas colônias uma por uma, mostrando que quase sempre o colono tem a tendência de se transformar em lavrador. O Autor estudando diversos exemplos, chega à conclusão de que as colônias fracassam "quando não se selecionam os homens adequados; quando êsses, uma vez selecionados, não são reunidos segundo as exigências naturais de sua origem cultural e quando não dispõem de recursos financeiros suficientes". É um capítulo bem documentado, e, sempre que possível, há a transcrição de relatos de colonos e de organizadores de colônias.

Em seguida o Autor dedica um capítulo à interpretação caracteriológica da história do elemento germânico no Paraná. Êle mostra que "a adaptação dêstes elementos germânicos pôde redundar numa aculturação sucedida porque não se sentiam embargados pelo 'apêgo ao passado'... seu 'anseio pelo novo' venceu a vontade de se tornarem radicados". É uma pena o Autor não ter podido aprofundar-se nas características tipicamente paranaenses da assimilação e da mudança de cultura. O delicado problema da "ambivalência étnica" e da marginalidade política resultante também foi rapidamente examinado. A compreensão da "situação trágica" em que se encontra o colono, despertada pelas duas últimas guerras, veio prejudicar não só a evolução para o estágio de lavrador, mas também a produção econômica.

Nos últimos capítulos, o Autor examina a história de associações, escolas e igrejas e a participação do elemento germânico no comércio e na indústria. No entanto, essa parte se acha um tanto prejudicada, pois na maioria das vezes o Autor, talvez premido pelo tempo, se limitou a fazer um simples relato.

O Autor termina descrevendo um fenômeno profundamente significativo: ultimamente se tem verificado uma migração de elementos germânicos enriquecidos da cidade para o campo, onde vão explorar um sítio ou uma fazenda com métodos modernos.

Durante a leitura sente-se falta de pelo menos um ligeiro estudo comparativo entre a colonização alemã e as de outras procedências, pois poder-se-á chegar à conclusão errônea de que só a alemã é que teve importância. Igualmente uma comparação com os processos de colonização nos outros estados sulinos seria de grande utilidade. Será que no Paraná não houve períodos de maior ou menor afluxo de imigrantes? O rescrito do ministro prussiano von der Heydt (1859),

proibindo a imigração para o Brasil, não teria também tido suas conseqüências no Paraná? Deve-se, entretanto, lembrar que o Autor teve de vencer uma série de dificuldades, quais sejam a ausência quase completa de informações e o curto espaço de tempo, 4 meses, de que dispôs para executar êsse ensaio.

A apresentação bilingue dêsse trabalho num só volume foi uma solução feliz do problema que se faz sentir em publicações dêsse tipo. A coleção de fotografias é muito expressiva e bem escolhida e o mapa do Paraná com a distribuição dos núcleos coloniais germânicos organizado por Reinhard Maack aumenta o valor dessa publicação.

Até há relativamente pouco tempo, além de crônicas e de almanaques de caráter popular, quase nada de realmente sério e metódico se tinha escrito sobre a imigração e colonização no sul do Brasil. E' só recentemente que êsse assunto tem preocupado sociólogos, historiadores e geógrafos. Sem dúvida, o aparecimento de *O Paraná e os Alemães* foi um grande passo adiante no estudo de tais problemas. Esse livro terá seu lugar entre as obras pioneiras, pois é uma obra de real valor que abre caminho para pesquisas futuras.

MARIA TERESA SCHORER.